

ANARQUISTAS CONTRA O MURO



لاسلطويون ضد الجدار
אנרכיסטן נגד הדיור
ANARCHISTS AGAINST THE WALL

ANARQUISTAS CONTRA O MURO



لاسلطويون ضد الجدار

אנרכיסט'ים נגד היתר

ANARCHISTS AGAINST THE WALL.

Copyleft: copie e distribua livremente

Anarquistas Contra o Muro

Imagens
antinarrativeblog.com
Refusers Support Network

Origens dos textos
Protopia e Mondoweiss

Em solidariedade
רדגה דגן מיטסיכרנא
Anarchists Against The Wall

Editora Monstro dos Mares
fb.com/editoramonstrodosmares
monstrodosmares.milharal.org
monstrodosmares@riseup.net
we.riseup.net/monstrodosmares

Inverno de 2017
Baderna seja louvada!

Anarquistas Contra o Muro

Anarchists Against the Wall (AATW) é um grupo de ação direta criado em 2003 em resposta à construção do muro que Israel está construindo na terra Palestina na Ocupada Cisjordânia.

O grupo trabalha em cooperação com os palestinos em uma união de luta popular contra a ocupação. Desde sua formação, o grupo tem participado de centenas de demonstrações e ações diretas contra o muro especificamente, e a ocupação em termos gerais, em toda a Cisjordânia. Todo o trabalho da AATW na Palestina é coordenado através de comitês de vilas populares locais e é essencialmente condução palestina.

awalls.org



Declaração dos Anarquistas Contra o Muro

5 de Janeiro de 2004

Nesses dias, com a construção do sistema de cercas, valas e o muro da separação que rouba os campos e leva as pessoas a enclaves sem os meios necessários para sobreviver, quando centenas de milhares tem a saúde, educação e infraestruturas essenciais tomadas e são forçados a escolher entre a transferência “voluntária” ou a morte, é nosso dever como seres humanos lutar contra esse crime.

Nós abrimos o portão de Mas’ha à força para deixar uma brecha no muro do ódio e fornecer com nossas ações uma alternativa viva à política de apartheid do

governo israelense. Nós, a quem o futuro desta terra é importante, vemos o sistema de cercas e o muro da separação não apenas como um enorme desastre para o povo Palestino, mas também como uma ameaça direta a nós e a todos que desejam uma vida segura e pacífica. Isso não é uma cerca de segurança. Isso é uma cerca separatista racista que causará derramamento de sangue a todos nós por muitos anos que virão.

Tentamos viver em nossas vidas diárias as mudanças que estamos lutando para realizar. Trabalhamos em um espírito pleno de cooperação, sem líderes. Nossas decisões são tomadas por consenso e todos contribuem de acordo com suas habilidades. Acreditamos que justiça e igualdade são alcançadas pelo acordo voluntário entre as pessoas e que o Estado é apenas uma ferramenta agressiva de dominação de um grupo étnico/elitista.

Somos realistas e entendemos que a abolição do sistema estatal não ocorrerá amanhã, mas hoje já podemos exigir um modo de vida “sem governantes e sem governados”, “sem mestres e sem escravos”. A ação direta é o ato democrático quando a democracia para de funcionar. O Muro de Berlim não foi desmantelado pelos governantes e acordos, mas pelos cidadãos que o abateram com suas próprias mãos.

Desde que podemos nos lembrar, fomos alienados com ódio e medo dos nossos vizinhos Palestinos. Não viajamos à zona rural sem escolta armada. Contaram-nos que nossas mãos são estendidas para a paz, mas não há ninguém com quem falar. Mas essas mentiras foram expostas e são claras para todos que participam das ações contra a ocupação. Nós dormimos juntos debaixo das oliveiras (antes de serem arrancadas), nós marchamos juntos em direção à cerca e continuaremos a lutar juntos – Israelenses, Palestinos e estrangeiros, por justiça e igualdade para todos.



Por anos boas pessoas clamam que quando a transferência for promulgada, eles se deitarão na frente das rodas dos caminhões e ônibus para bloquear esse crime. Mas a transferência já está acontecendo nesse momento! Privando milhares de pessoas dos mínimos meios de vida não lhes deixa alternativa. Milhares estão deixando suas vilas para encontrar comida para seus filhos. A limpeza étnica está ocorrendo sob nossas vistas e temos apenas uma opção: usar os poucos direitos que temos, remanescentes da democracia israelense, e romper com o racismo e as leis imorais. Sim, destruir os portões e as cercas, bloquear as escavadoras com nossos corpos, entrar em áreas militares fechadas, e também transformar o inimigo em nosso amigo. A resistência Palestina e Israelense continuará enquanto a ocupação, que é a infraestrutura/raiz do terror, durar.

Anarchists Against the Wall



‘É como se tivéssemos nascido com armas nas mãos’: jovens israelenses são presos por resistir ao recrutamento militar

Depois de 155 dias em uma cela e de seis diferentes estadas em uma prisão militar em Israel, Tair Kaminer, de 19 anos, foi liberada em Julho como a objetora de consciência ao serviço militar israelense que passou mais tempo presa.

Escondida em uma rua lateral fora das avenidas movimentadas de Tel Aviv, Tair senta no apartamento de sua família com sua amiga Omri Baranes, de 18 anos, uma colega objetora de consciência que ficou 67 dias em uma prisão militar de Israel em três sentenças diferentes.

As duas amigas fazem parte de um pequeno grupo de adolescentes israelenses chamados de “objetores de consciência”, que escolheram resistir ao recrutamento militar obrigatório de Israel como forma de protesto contra a ocupação da Palestina, que já dura quase meio século.

Em suas estadias intermitentes na prisão militar israelense, elas receberam apoio de uma pequena rede de ativista, chamada Refusers Solidarity Network, formada há menos de um ano. Yasmin Yablonko, 23 anos, é a coordenadora de mídia da rede. Seu pai foi preso na prisão militar por ter se recusado a servir nos Territórios Ocupados durante a guerra de Israel contra o Líbano, em 1982. Yablonko ajuda novos opositores a dar voz às suas visões políticas para a mídia e, conseqüentemente, desafiar as narrativas israelenses *mainstream* sobre a Palestina.

Enquanto Tair foi, eventualmente, liberada do service military durante sua última estadia na prisão, sob a justificativa de que a jovem não fit for duty, Omri será

forçada a retornar à prisão militar 21 dias depois de sua última liberação. Se ela não se entregar, ela irá oficialmente se tornar uma “desertora”, sob o risco de ser detida pelas forças israelenses, sentenciada a um período mais longo de prisão, e ter em sua ficha criminal uma mancha irreversível.

“Eu nunca vi um mapa que mostre a linha verde”

Tendo crescido em uma casa politicamente *mainstream*, onde o serviço militar era visto não só como um dever, ma também como uma honra, Omri se encontrou em conflito com o que ela vê como uma cultura inerentemente violenta em torno dela. Quando chegou o tempo de seu recrutamento, ela se recusou devido à sua incipiente posição pacifista.

“Mesmo antes de saber qualquer coisa sobre a ocupação da Palestina, eu não conseguia entender por que nossa cultura era centrada na violência. É como se tivéssemos nascido com armas nas mãos,” disse ela. “Nossa sociedade é tão militante e maioria dos israelenses nunca aprendem outra coisa.”

Quatro meses atrás, Omri pediu excusa do service military através de um comitê de ética. Mas seu pedido foi recusado, e ela foi presa.

Antes de sua primeira estadia na prisão militar, Omri foi apresentada a Tair e outros membros da Refusers Solidarity Network, que deram a ela uma lição educativa informal sobre o tratamento de Israel ao povo da Palestina.

Depois de descobrir as bem conhecidas violações de direitos humanos acontecendo bem perto dali, Omri se dedicou a ler livros sobre a Palestina e encontrou uma história de Israel muito diferente daquela que aprendeu enquanto crescia.

“Eu nunca vi um mapa que mostra a linha verde,” disse Omri incrédula, referindo-se às fronteiras pré-1967 reconhecidas pela lei internacional como a fronteira entre a Palestina e Israel. “Até este dia, eu não consegui encontrar um mapa de Israel em Hebreu que reconheça quaisquer fronteiras Palestinas.”

Tair reforçou os sentimentos de Omri, dizendo, “Os mapas que nos mostram na escola representam todo o território como pertencente a Israel. Não há territórios ocupados. É isso que ensinam aos israelenses.”

Diferente de Omri, Tair vem de uma longa tradição de israelenses de esquerda. Seu tio passou 66 dias na prisão militar por recusar o recrutamento durante a guerra de 1982 contra o Líbano, e seu primo se recusou em 2002 e se tornou um dos objetores de consciência que mais passaram tempo preso depois de passar dois anos na prisão militar.

Apesar de ter sido criada por pais de esquerda, que a encorajaram a ser crítica à sociedade israelense, ela contou à Mondoweiss que ainda não compreende toda a realidade sobre o tratamento de Israel aos Palestinos, e que não tinha certeza se ia se juntar aos militares.

“Israelenses são educados para não saber nada”

“Eu nunca aprendi sobre Nakba ou sobre a realidade diária que os Palestinos vivem sob ocupação. Nunca pegaram um mapa para me mostrar como Israel realmente deve se parecer,” disse Tair.

Mas Tair começou a aprender sobre a Palestina. “Eu aprendi o quão cruéis são as políticas israelenses sobre os Palestinos. Eu não sou alguém que apoia a crueldade, então decidi que não posso apoiar a ocupação.”

Erica Weiss, professora na Universidade de Tel Aviv cuja pesquisa se concentra nos movimentos de resistência entre soldados israelenses já no serviço militar, disse à Mondoweiss que os soldados com quem fala “expressam admiração pela habilidade dos jovens objetores em ser tão politicamente conscientes antes de serem pessoalmente confrontados com a violenta realidade da ocupação.”

Tair enfatizou o quão incomum é para jovens israelenses saber das realidades da ocupação. “Israelenses são educados para não saber nada. Ninguém os está forçando a sair de suas bolhas e ver que pessoas vivendo a apenas 30 minutos deles não tem ao menos direitos básicos.”

“Juntar-se ao exército é a escolha mais fácil para as pessoas,” continuou Tair. “Mas uma vez que você sabe mais sobre o que o governo está fazendo com o povo Palestino, fica muito mais difícil fechar os olhos e se tornar parte disso.”

Uma tendência comum entre israelenses de esquerda que decidem se juntar aos militares é tentar “mudar o tratamento dado aos Palestinos de dentro,” uma noção que os jovens objetores rejeitam.

“Se você sorrir para os Palestinos enquanto trabalha num *checkpoint*, isso não muda o fato de que é um *checkpoint*,” disse Tair. “Como objetores, somos contra o sistema como um todo. Não somos apenas contra os militares. Somos contra o governo. Nós somos contra as políticas que oprimem os Palestinos.”

Yasmin completa, “O fato de você estar usando um uniforme militar israelense já é problemático. Não importa se você é um soldado legal. Você ainda é um soldado.”

“Os israelenses precisam compreender que esta não é a nossa terra,” continuou Yasmin. “Já se passaram quase 50 anos e a ocupação continua e continua e se tornou algo normal. Os israelenses esqueceram que o que estão fazendo é ilegal.”

Yasmin ainda se lembr do dia em que estava sentada em Tel Aviv assistindo o noticiário quando um canal meteorológico local começou a anunciar a previsão do tempo no assentamento israelense ilegal de Ariel, localizado 20 quilômetros adentro da Linha Verde. “Este é um exemplo de como nosso governo tenta constantemente normalizar todos esses crimes.”

Ela ressaltou que até mesmo os sinais rodoviários indicando o assentamento de Ariel estão sendo colocados cada vez mais longe do assentamento e mais próximos a cidades israelenses. “É o modo de nosso governo nos convencer que esses assentamentos ilegais são parte de Israel. Eles estão tentando ensinar aos israelenses a não compreender o que está realmente acontecendo.”

Apesar de suas famílias as apoiarem na decisão de recusar o serviço militar, as adolescentes frequentemente enfrentam uma reação diferente, muito mais dura, fora de suas casas.

De acordo com Weiss, uma rede social de suporte forte é essencial para opositores ao serviço militar em Israel, para ajudá-los a lidar com o isolamento que sentiriam em uma sociedade crescentemente de direita na qual o serviço militar é considerado um importante rito de passagem.

“Se você não gosta de Israel, por que não vai pra Gaza?”

“Muitas vezes em seu ativismo, por virem a público e desafiar normas políticas, eles estão expostos a sentimentos fortes, inclusive a raiva,” disse Weiss. “Entretanto, muitos ativistas veem isso como um preço que estão dispostos a pagar pela oportunidade de influenciar a sociedade israelense.”

Omri gosta de chamar os insultos lançados a ela como “mantras israelenses.” Ela descreveu como é alvo dos mesmos ataques verbais da parte de israelenses, independente de onde esteja, como “amante dos árabes” e “judia que se odeia”, e “se você não gosta de Israel, por que não vai pra Gaza?”

Tair contou à Mondoweiss que israelenses lhe dizendo que deveria “ir ser estuprada em Gaza” se tornou uma mensagem popular no Facebook desde que ela apareceu pela primeira vez na mídia por se recusar a se juntar aos militares.

Para ela, não é difícil compreender por que israelenses se sentem incomodados por aqueles que resistem àquilo que é considerado parte da identidade nacional de Israel. “É difícil para os israelenses lerem uma história sobre as coisas horríveis que nossos soldados fazem aos palestinos por que

em Israel os soldados são considerados heróis. As pessoas não querem acreditar, então ficam furiosas.”

“Mas nós estamos fazendo o que achamos ser certo para nossa sociedade,” continuou Tar. “Nós ficamos presas por que estamos lutando por todos. Nós estamos lutando pela paz. Nós estamos fazendo tudo o que podemos para acabar com a ocupação e resistir ao ódio que existe em Israel.”

About Jaclynn Ashly

Jaclynn Ashly is a journalist based in Bethlehem, Palestine. You can find her on twitter @jaclynnashly

About Yumna Patel

Yumna Patel is a multimedia freelance journalist based in Bethlehem, Palestine. You can find her on twitter @yumspatel

Informações:

Protopia

<http://protopia.at>

Anarchici contro il muro

<http://alternativoliberalitaria.fdca.it/wpAL/anarchici-contro-il-muro/>

AnTiNarRtiVe

<http://antinarrativeblog.com>

Agência de notícias anarquistas

<https://noticiasanarquistas.noblogs.org/?s=palestina>

The Struggle Site

<http://struggle.ws/stw/palestine.html>

Vargaquista

<http://struggle.ws/stw/palestine.html>

MondoWeiss

<http://mondoweiss.net/israel-palestine/>

Livro “**Anarquia Viva!**”, Editora Subta.



